

Excelentíssimo Presidente da Academia Nacional de Medicina,

Professor Doutor PIETRO NOVELLINO,

Excelentíssimos acadêmicos,

Autoridades que compõem a mesa,

Minhas senhoras e meus senhores,

Postulei ingresso na ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA e Vossas Excelências me receberam na eleição do dia 5 de maio passado. No caminho de seis meses entre a primeira correspondência que lhes enviei anunciando minha candidatura e o momento atual, pude apresentar-me aos que não me conheciam, aproximei-me daqueles que me conheciam apenas, e consolidei a amizade com os que já eram meus amigos. O convívio nesta Academia, eu espero, será longo e profícuo e me dará tempo para demonstrar aos que ainda conheço pouco, o apreço que tenho por todos.

Minhas primeiras palavras são para lembrar o livro “CONVERSAS NA ACADEMIA” do eminente acadêmico JULIO STUDART DE MORAES e a passagem em que ele nos conta que, certa vez, um veterano acadêmico aconselhou um *nouvel* confrade a falar muito em seu discurso de posse, pois esta seria a única ocasião em que ele sairia impune. Gostaria de informar aos presentes que não tenho a intenção de seguir este conselho.

No final do ano de 1972, quando prestei exame vestibular para a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Guanabara (UEG), não imaginava o caminho que percorreria e que me trouxe até a ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Este é um tema de vida que pretendo retomar ao final desta exegese, o caminhante e seu caminho.

São poucos os membros da ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, escolhidos com base em um discriminatório altamente seletivo. Os acadêmicos são reconhecidos como profissionais de relevo. Então, a ACADEMIA congrega um grupo distinto de médicos que, individual e coletivamente incorporam o prestígio da Academia toda.

Pretender pertencer à ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA é considerar que a instituição tem grandeza e destaque na sociedade brasileira; é reconhecer sua importância histórica; é aspirar

---

conviver com médicos de elevada expressão nacional e internacional, cultivados, formadores de opinião.

Almejar à ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA pode parecer pretensioso. Mas essa pretensão é admitida para quem, como eu, já participou da formação de mais de três mil médicos, além de outro tanto de profissionais da área biomédica.

### **Minha Formação**

Quando ingressei na UEG estava decidido a ser um bom médico. O mote que norteou minhas ações foi o “horror a mediocridade”. Quarenta anos depois de nada me arrependo a não ser de possíveis inconvenientes que eu possa ter causado a outrem. Relendo o livro “NÉVOAS DO PASSADO”, do acadêmico SERGIO AGUINAGA, encontrei nas palavras do experiente médico (e poeta) o sentimento que me invade hoje:

*"Amei a medicina,  
fiz dela diversão  
sentindo prazer no amor vivido.  
Dava paz o dever exercido e cumprido".*

Fui estudante de medicina em uma época de repressão política e ideológica aos diretórios estudantis. Eu tinha a impressão de que todos, militares e civis, queriam a mesma coisa, o bem do Brasil, mas alguns eram brutos e não dialogavam. Pessoas estranhas aos discentes e docentes estavam infiltradas na administração da universidade e causavam constrangimento. Felizmente isso passou e soubemos aproveitar a experiência desse período para construir um país plural e pujante.

Em 5 de dezembro de 1978, ÍTALO SUASSUNA e ISMAR CHAVES DA SILVEIRA, respectivamente Diretor e Vice-Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, me conferiram o título de médico para “exercer e ensinar a medicina”. Em março de 1979 eu já era Auxiliar de Ensino para

---

ensinar Anatomia. Logo após ingressei no Mestrado em Histologia e Embriologia da UFRJ (coordenado pelo Professor BRUNO ALIPIO LOBO) onde defendi a dissertação em 1981.

Em julho de 1983 embarquei para a França com bolsa CAPES/COFECUB e teve início uma das etapas mais estimulantes da minha vida científica: o curso de doutorado no *Laboratoire d'Anatomie, UFR Biomédicale des Saints-Pères, Université René Descartes* (Paris V). Convivi com renomados professores franceses, notadamente ANDRÉ DELMAS (que foi *Président de l'Académie de Médecine Française* em 1990), JACQUES HUREAU, CLAUDE GILLOT, GENEVIÈVE HIDDEN, HENRI PINEAU e muitos outros. Eu exultava, estava no local onde HENRI ROUVIÈRE havia lecionado e onde ANDREAS VESALIUS apresentou ao mundo o magistral livro "DE HUMANI CORPORI FABRICA" em 1543, considerado um dos três livros científicos mais importantes jamais escritos, um lampejo da inteligência humana.

Gosto de mencionar os outros dois livros que completam esse tripé de ouro: "SOBRE A REVOLUÇÃO DOS CORPOS CELESTES" do astrônomo polonês NICOLAU COPÉRNICO, também publicado em 1543, que rompeu com o sistema Ptolomaico que considerava a Terra como o centro do universo e propôs o heliocentrismo.

O terceiro livro notável foi "PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS DA FILOSOFIA NATURAL", de 1687, de ISAAC NEWTON. Neste livro NEWTON discorre sobre as leis fundamentais da mecânica, sobre a gravitação universal e sobre as três leis do movimento, que dominaram o conhecimento da física nos três séculos seguintes. Em sua correspondência com ROBERT HOOKE, cientista experimental inglês e figura fundamental para a revolução científica do século XVII, NEWTON cunhou sua célebre frase: "SE VI MAIS LONGE, FOI POR ESTAR SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES", referindo-se humildemente aos seus predecessores KEPLER e GALILEU.

Defendi a Tese de *DOCTEUR D'ÉTAT EN BIOLOGIE HUMAINE* e voltei ao Brasil em julho de 1986. Além das filhas MARIA ELISA e MARIA EMÍLIA, minha primeira esposa ANA FLORA e eu trazíamos a 'francesinha' MARIA ELENA, que a família no Brasil ainda não conhecia.

Em abril de 1988, com 33 anos de idade, prestei concurso público de título e provas, sendo aprovado com média final 10. Consequentemente, fui nomeado Professor Titular na UERJ.

Logo após, quando retornei à Paris para participar do encontro anual do *COLLÈGE DES PROFESSEURS D'ANATOMIE* no *Hotel Lutetia*, me homenagearam com a récita de parte do *El Cid de CORNEILLE* de 1637 que conta a epopeia da expulsão dos mouros da península ibérica. *El Cid*,

---

"nome de guerra" de Don Rodrigues, jovem guerreiro espanhol, diz aos nobres que o consideravam muito moço para liderar seus soldados:

*Je suis jeune  
il est vraie,  
mais aux âmes bien nées  
la valeur n'attend pas  
le nombre des années.*

Em 1993 participei da estruturação do Mestrado em Morfologia junto com meus colegas da Anatomia e da Histologia e Embriologia da UERJ. Em 2003 passamos a ter o Doutorado em Morfologia. Em 2007 houve ampla reformulação do programa que passou a ser BIOLOGIA HUMANA E EXPERIMENTAL.

Este momento é oportuno para declarar minha irrestrita paixão pelo ensino de graduação e pós-graduação. O eminente acadêmico AFFONSO BERARDINELLI TARANTINO, em seu livro "LEVELOQUÊNCIA" considera que "médicos nunca se formam, moços e velhos devem continuar aprendendo o resto da vida, como os professores que só aprendem enquanto ensinam e porque ensinam".

### **Sobre a Comissão**

A composição da Comissão que me acompanhou até aqui não é trivial. O professor CLAUDIO CARDOSO DE CASTRO da UERJ é um amigo fraterno e cirurgião plástico renomado, tendo formado inúmeros novos cirurgiões plásticos em nosso meio. Também é filho do saudoso acadêmico JOÃO CARDOSO DE CASTRO a quem indiretamente sucedi como Professor de Anatomia na UERJ. Com CLAUDIO CARDOSO DE CASTRO homenageio os acadêmicos da Secção de Cirurgia.

O professor CLAUDIO BUARQUE BENCHIMOL, da UFRJ, mas que também foi da UERJ muitos anos, é amigo desde os tempos em que eu frequentava a enfermaria de cardiologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto dirigida por seu pai, o saudoso acadêmico AARÃO BURLAMAQUI

---

BENCHIMOL. Cláudio é um clínico de grande valor e, através dele, homenageio os acadêmicos da Secção de Medicina.

Os acadêmicos CLAUDIO TADEU DANIEL-RIBEIRO e WANDERLEY DE SOUSA são cientistas reconhecidos. CLAUDIO TADEU é pesquisador titular do Instituto Oswaldo Cruz e do CNPq, tem grande destaque no estudo da malária, é um amigo recente, porém intenso. WANDERLEY DE SOUSA foi Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e do CNPq, a quem devemos a introdução da bolsa Cientista do Nosso Estado na Faperj, e a bolsa de bancada para os pesquisadores nível 1 do CNPq. Claudio e Wanderley representam minha homenagem aos médicos da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina onde hoje sou empossado.

JOSÉ DE JESUS PEIXOTO CAMARGO é sobejamente conhecido por sua qualidade de cirurgião torácico e sua proeminência no programa de transplante de pulmão no Brasil. Com ele eu homenageio os acadêmicos de outros Estados, como o Rio Grande do Sul, onde Camargo construiu uma exuberante carreira e me recebeu com fidalguia.

O eminente professor AFFONSO BERARDINELLI TARANTINO é um pneumologista consagrado. Instruiu com seu livro sobre DOENÇAS PULMONARES inúmeras gerações de médicos, inclusive a minha. O Professor Tarantino representa nesta comissão os grandes mestres da academia e seus relevantes serviços à medicina.

O acadêmico FRANCISCO JOSÉ BARCELLOS SAMPAIO é meu companheiro na UERJ onde é Professor Titular. É pesquisador 1A do CNPq e, até recentemente, coordenou a área de Medicina III da CAPES e foi Editor-Chefe do INTERNATIONAL BRAZILIAN JOURNAL OF UROLOGY, tendo alçado esta publicação a ser uma das melhores na área médica nacional, indexada nos melhores indexadores internacionais. Todos ouviram suas palavras e a generosa consideração que fez sobre a minha pessoa, muito mais motivada pelos laços que temos do que por mérito meu. Aliás, eu gostaria de ressaltar que o professor FRANCISCO SAMPAIO e eu nem sempre navegamos em “mares tranquilos”, mas sempre navegamos para frente, “olhando o horizonte”. Compreendemos cedo FERNANDO PESSOA no poema "MAR PORTUGUÊS": "Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor".

Excelentíssimo Presidente PIETRO NOVELLINO, é também o momento apropriado de eu manifestar publicamente um agradecimento especial à V. Ex<sup>a</sup> pelo cavalheirismo com que me recebeu em seu gabinete em 11 de novembro de 2010, quando lhe pedi autorização para me

---

inscrever na vaga da Cadeira 82. Admiro sua condução justa e firme dos trabalhos da Academia.

### **Sobre a Cadeira número 82**

Iniciarei a descrição dos ocupantes da Cadeira 82 pela Acadêmica Emérita LÉA FERREIRA CAMILLO-COURA, que foi a primeira médica mulher eleita membro titular da Academia Nacional de Medicina, no dia 25 de junho de 1985, a quem sucedo. Depois, retornarei a ordem cronológica de ANTONIO DIAS DE BARROS, ALMIR MADEIRA e ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR.

A acadêmica LÉA CAMILLO-COURA tem uma trajetória de vida científica invejável. Graduou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde, depois foi professora e hoje é Professora Emérita. É pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz onde coordena o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas. Concluiu o doutorado em livre docência pela UFRJ em 1971 e tem elevada produção de artigos científicos, doze capítulos de livros e cinco livros publicados. Orientou muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Durante a vida acadêmica, LÉA CAMILLO-COURA recebeu prêmios e homenagens, culminando, em 2010, com o título de COMENDADORA da Ordem Nacional do Mérito Científico das mãos do então Presidente da República.

LÉA FERREIRA CAMILLO-COURA iniciou a carreira em 1959, como pediatra no Serviço de Doenças Infecciosas do Pavilhão Carlos Chagas (hoje Centro de Saúde Marcolino Candau). Foi consultora muitos anos da CAPES, onde chegou a ser coordenadora de área. Também é pesquisadora emérita do CNPq. Em 1978 cursou o prestigioso curso da Escola Superior de Guerra.

Recordo-me muito bem do primeiro encontro que tive com a acadêmica LÉA CAMILLO-COURA, em um almoço em que também esteve o acadêmico FRANCISCO SAMPAIO. Foi o momento em que solicitei sua permissão para concorrer a Cadeira 82 que estava vaga pela sua passagem à emérita.

Nos mais de 25 anos como Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, a médica LÉA CAMILLO-COURA foi Editora-Chefe dos Anais da Academia e se destacou nos debates

---

científicos e nas posições relativas à ética. Tornou-se, por isso, uma pessoa imprescindível no conceito expresso por BERTOLD BRECHT:

*Há os que lutam um dia e são bons.*

*Há outros que lutam um ano e são melhores.*

*Há os que lutam muitos anos e são muito bons.*

*Porém, há os que lutam toda a vida.*

*Esses são os imprescindíveis.*

ANTONIO DIAS DE BARROS foi o primeiro ocupante da cadeira 82. Nasceu em Aracajú em 19 de dezembro de 1869, veio para o Rio de Janeiro e graduou-se em medicina em 1895, com a tese intitulada "CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO PSYCHO-PHYSIOLOGICO DO DELÍRIO". Foi saudado nesta Academia por AFRÂNIO PEIXOTO em 1907, onde permaneceu até seu encantamento em 2 de fevereiro de 1928.

ANTONIO DIAS DE BARROS foi diretor do Hospital Nacional de Alienados. Foi nomeado Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de Histologia em 1907 sucedendo a EDUARDO CHAPOT PRÉVOST, e também foi Professor de Bacteriologia. ANTONIO DIAS DE BARROS foi deputado pelo Estado de Sergipe.

ALMIR MADEIRA sucedeu a ANTONIO DIAS DE BARROS na cadeira 82 em 1928. Ele nasceu em 1884, em Niterói, formou-se em 1909 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese intitulada "CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS EM IDADE ESCOLAR". Foi um pediatra renomado. Em 1914 criou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Niterói e, em 1927, organizou o Sanatório Dona Amélia da ilha de Paquetá. Foi introdutor, no Brasil, da vacinação pelo BCG.

ALMIR MADEIRA foi um dos fundadores da Faculdade Fluminense de Medicina, em 1925, tendo sido responsável pela Cadeira de Puericultura (a primeira em uma Faculdade de Medicina no Brasil). Passou a Membro Emérito da Academia Nacional de Medicina em 1956. Hoje, com seu nome se denomina uma rua no bairro de Santa Rosa em Niterói.

ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR viveu entre 1911 e 1997 na cidade do Rio de Janeiro, sucedeu a ALMIR MADEIRA em 1956. Diplomou-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1933. Chefiou o Hospital da Polícia Militar e foi assistente no

---

ambulatório de Tisiologia e da 1ª Enfermaria do Hospital São Francisco de Assis. Em 1951 iniciou a carreira universitária tendo realizado a Livre-Docência em Terapêutica Clínica em 1954. Foi Catedrático de Terapêutica Clínica da Escola de Medicina e Cirurgia e de Patologia Geral da Faculdade Fluminense de Medicina, onde chegou a Professor Emérito. ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR teve grande sucesso editorial com sua obra "TERAPÊUTICA GERAL" de 1981, Também publicou "DOENÇAS DOS RINS. ESTUDO CLÍNICO E TRATAMENTO" em coautoria com o ilustre Acadêmico OMAR DA ROSA SANTOS, em 1988.

Em resumo, a cadeira número 82 da ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA foi ocupada sucessivamente por ANTONIO DIAS DE BARROS (1907 a 1928), ALMIR MADEIRA (1928 a 1956), ANNIBAL DA ROCHA NOGUEIRA JÚNIOR (1956 a 1985) e LÉA FERREIRA CAMILLO-COURA (1985 a 2010), tendo ficado vaga pela sua passagem a Membro Emérito.

### **Sobre a Família**

A família é meu esteio nos bons e nos maus momentos da vida. O apoio da família sempre foi importante, me fortalece e encoraja quando preciso.

Minha querida mãe sempre esteve ao meu lado e estimulou meu desenvolvimento. Presenteou-me com livros a vida toda, livros infantis quando eu era pequeno, coleções sobre história universal, filosofia e grandes escritores clássicos e contemporâneos quando fui adolescente. Deu-me todos os livros de anatomia e de medicina que eu quis. Ela está comigo hoje, alvíssaras, SILMA MANDARIM DE LACERDA, viúva do advogado CORY DE LACERDA MIRANDA, meu pai.

Minha amada esposa MARCIA BARBOSA AGUILA MANDARIM DE LACERDA doutora em ciências, professora adjunta da UERJ e pesquisadora do CNPq é meu par na ciência e na vida. Adotou minhas três filhas e me ajuda a continuar cuidando delas: MARIA ELISA, designer, reside em Iowa City nos Estados Unidos; MARIA EMÍLIA, advogada, casada, com sua filhinha MARIA EDUARDA, minha neta; e MARIA ELENA, estudante de jornalismo da UERJ. Meus irmãos, SERGIO LUIZ, ALEXANDRE e KATIA MARIA MANDARIM DE LACERDA estão aqui comigo e, com meu sobrinho ALEXANDRE completam meu círculo de sangue.



---

Também aqui estão presentes os queridos membros de minha “família expandida”, SELMA e NELSON AIETA, meus cunhados, e as famílias ZACARIAS e GUIMARÃES, que me deram os genros MARCELO e LEONARDO.

Vejo igualmente muitos alunos, orientados de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, colegas de turma, professores da UERJ e de outras Universidades, e outros amigos. A todos agradeço as ajudas constantes, a amizade e a paciência que têm comigo em nosso convívio.

### **Uma Reflexão**

A parte final desta exposição começa com alguns pedaços do poema *Cantares* de ANTONIO MACHADO (poeta modernista espanhol). Como lhes prometi, vou voltar ao tema dos caminhantes e seus caminhos:

*Tudo passa,  
nosso destino é passar,  
passar fazendo caminhos,  
caminhos sobre o mar.  
Caminhante,  
as tuas pegadas são o caminho,  
não há caminho,  
se faz caminho ao caminhar.*

Sou médico, cientista e professor. Encontro-me na intersecção das três atividades em permanente crise no Brasil. Porém, como disse o poeta devemos caminhar e caminhando traçar um caminho para os que virão após nossa passagem. Devemos ter esperança.

---

## **Sobre a Medicina**

A crise da medicina não é técnica nem instrumental. Ao contrário, por esse ângulo nunca estivemos tão bem. Frequentemente comento com meus alunos do curso de medicina que a modernidade na prática médica não tem correlação com a satisfação do doente. No passado os médicos conheciam os integrantes do núcleo familiar, eram "médicos da família". Lembro com carinho do Dr. WALDYR DA CRUZ LOUREIRO que assistiu minha mãe nos seus partos e também realizou uma colecistectomia em meu avô (com a tradicional incisão de Kocher), também atendia aos chamados da família nas suas diferentes necessidades.

No âmbito da medicina pública a situação é eternamente falimentar. Os corredores por onde passam os recursos ficam com uma boa parte, deixando pouco para as necessidades da atividade fim. É uma tragédia. Os mais entendidos afirmam que não há falta de recursos, em tese, mas que são malversados.

A medicina dos "planos de saúde", que uma época foi apregoada como a solução para a classe média, já demonstrou que a realidade é menos colorida do que a propaganda. Aqui nesta ACADEMIA presenciei os acadêmicos OCTÁVIO PIRES VAZ e UMBERTO PERROTA manifestarem apoio aos médicos frente à "ditadura dos planos de saúde". Também o Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro e o Conselho Federal de Medicina têm atuações firmes em defesa da prática médica. Mas temo que esse assunto ainda necessite maior debate e regulamentação.

No quesito formação vejo que as Faculdades de Medicina são capazes de adestrar o jovem médico nas técnicas modernas de diagnóstico e tratamento, mas são incapazes de formá-lo plenamente do ponto de vista ético, moral e humanístico. Se o jovem estudante já não trazer essa bagagem ao ingressar na Faculdade de Medicina, lá não encontrará os conhecimentos.

## **Sobre a Ciência**

Fazer ciência no Brasil tem um custo, o "custo Brasil", que é conhecido e vivenciado no momento de adquirir equipamentos ou insumos importados. Não tenho dúvida em afirmar que a ciência no Brasil avança, mas é intrigante o fato de não haver universidade brasileira colocada entre as cem melhores do mundo, apesar do país ter a sétima economia!

É certo que quantidade de doutores aumentou muito nos últimos anos e isso empurrou os indicadores de aferição da ciência brasileira para cima. Mas a qualidade da produção, a originalidade e relevância do que é pesquisado não teve o mesmo crescimento. Corrobora este fato haver pouco crescimento na deposição de patentes no Brasil.

Na edição de 18 de maio passado da revista VEJA, o Presidente da Academia Brasileira de Ciências JACOB PALIS alertou para a estrutura inapropriada das universidades brasileiras, que não permite a agilidade e a liberdade necessárias para incrementar o número de cientistas com base na meritocracia.

Desmerece a pesquisa no Brasil o fato de as grandes indústrias internacionais que atuam no país desenvolverem suas pesquisas lá fora. As empresas autóctones, por sua vez, não têm o hábito nem o arrojo de investir na produção de conhecimento aqui.

Também vejo com ressalva a política de formação de cientistas no Brasil baseada grandemente “numerologia” da produção científica e na rapidez da obtenção de resultados. É bom que se diga que as carências do ensino não são, normalmente, sanadas com a pós-graduação, pelo contrário, estamos doutorando algumas pessoas que apresentam graves deficiências em sua formação e que dificilmente poderão contribuir para o avanço científico nacional.

### **Sobre a Educação**

Considero a crise na educação a pior de todas. A educação do povo é o que mais pesa no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano. Em novembro de 2010 o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento alertou que 8,5% dos brasileiros são pobres com privação em saúde, educação e renda. Não basta mais colocar as crianças e os jovens na escola. Eles “têm que estar na série adequada, na série que se espera que eles estejam para terem uma oportunidade igual”.

A estatística do último censo do IBGE anunciou que há 14 milhões de brasileiros analfabetos (9,6% da população). A série de reportagens do Jornal Nacional da Rede Globo, na semana de 9 a 13 de maio último, mostrou ao vivo e a cores que muitos alunos terminam o ensino médio ainda analfabetos funcionais.

---

Não será possível corrigir a precariedade do ensino apenas colocando computadores nas escolas. Os esforços serão vãos se não houver a valorização do professor e a educação não for considerada um assunto de "segurança nacional". Corrigir os rumos da educação seria o passo mais importante para, por retroalimentação positiva, afetar beneficentemente a saúde do brasileiro e formar futuros cidadãos. Além disso com educação as pessoas sucumbiriam menos aos apelos populistas, rejeitariam mais firmemente a impunidade e a corrupção e avaliariam com mais rigor as promessas ludibriatórias dos momentos eleitorais. Não nos faltam pretendidos em todos os escalões políticos, inclusive o mais alto.

Mas, aparentemente os erros aumentam. Escreveu o economista MERVAL PEREIRA em 17 de maio último no jornal O Globo: há um aspecto perverso na crise do livro didático de português, que o MEC insiste em manter em circulação, que ultrapassa qualquer medida do bom-senso. O pretexto de defender a fala popular como alternativa válida à norma culta do português estimula os alunos brasileiros a cultivarem seus erros, como se fossem corretas ou aceitáveis expressões populares como *nós pega o peixe* ou *dois real*.

EVANILDO BECHARA, da Academia Brasileira de Letras, na reportagem central da revista Veja desta semana, alerta que "ninguém discorda de que a expressão popular tem validade como forma de comunicação, mas só a língua culta consegue produzir e traduzir os pensamentos que circulam no mundo da filosofia, da literatura, das artes e das ciências. A linguagem popular não apresenta vocabulário nem tampouco estrutura gramatical que permitam desenvolver ideias de maior complexidade e é óbvio que não cabe às escolas ensiná-la".

Seria um equívoco lamentável e perigoso se o MEC, com essa postura, estivesse pretendendo fazer uma política a favor dos analfabetos, dos ignorantes, defendendo os que não tiveram condições de estudar. Na verdade, está agravando as condições precárias do cidadão-aluno que busca na escola melhorar de vida, limitando que atinjam esse objetivo.

### **Palavras finais**

Termino este discurso voltando meu pensamento para o médico, o cientista e o professor que não estão aqui nesta sala. O médico pode estar em plantão em uma emergência de hospital público, ou atendendo a um chamado em ambulância pela cidade. O cientista pode estar

---

realizando uma experimentação inadiável ou às voltas com relatórios intermináveis. O professor pode estar no terceiro turno de sua jornada, em uma escola da periferia localizada em área de risco.

Estas são conjecturas verossímeis, mas nós não podemos saber ao certo. A sociedade nem sempre se dá conta dos dissabores cotidianos desses profissionais por que os médicos, os cientistas e os professores estão fazendo direito seus trabalhos, sem alarde e com competência, muitas vezes sem possuir os recursos adequados à sua prática. Dedico a eles meu melhor pensamento.

Deixo o poema de AFFONSO ROMANA DE SANT'ANNA, *Reflexivo*, como minhas palavras finais.

*O que não escrevi, calou-me.*

*O que não fiz, partiu-me.*

*O que não senti, doeu-se.*

*O que não vivi, morreu-se.*

*O que adiei, adeus-se.*

Muito obrigado pela atenção!